INTERVENÇÃO DA DEPUTADA MUNICIPAL MARIA MANUEL DA ROCHA CUNHA SILVA – BANCADA DO PS

Cumprimos mais um ano a celebração da data mais importante para a Democracia em Portugal envolvidos numa crise de saúde pública sem precedentes, sem respostas definitivas e que nos tem obrigado, dia após dia, a adaptarmo-nos a um novo quotidiano ao mesmo passo que a ciência procura respostas para esta pandemia.

Fomos colocados num "Ensaio sobre a cegueira", caminhando sem noção do caminho, dos seus obstáculos, dos seus perigos e muito menos da meta final mas avançamos porque a única coisa que sabemos é que o ponto de partida não existe mais.

Num percurso que estamos a fazer de olhos vendados, o que sabemos até agora é que a vida nos desafiou a colocarmo-nos uns ao lado dos outros de mãos dadas, dizendo-nos que a fraqueza e a força de um é a fraqueza e a força de todos e que, por cada um que fica para trás - porque sucumbiu ou porque não lhe agarramos suficientemente a mão - este caminho, que já é escuro, fica cada vez mais denso.

Vimos, de repente, a nossa liberdade ou a nossa noção dela mesma levar um abanão na coluna vertebral. Sentimo-nos presos dentro das nossas próprias casas, ao lado das nossas famílias, privados de ir trabalhar e ir conviver com os nossos amigos nas esplanadas, nos restaurantes e nas praias e não nos podemos condenar pelo que sentimos, sobretudo pelo medo do desconhecido. Mas é esta a hora de não esquecermos aqueles que caminham mais atrás e com as entorses que a vida lhes foi provovando e que todos não fomos capazes de sarar. É hora de refletirmos profundamente nas desigualdes sociais que esta crise veio acentuar drasticamente, nos que já estavam em situação de desemprego e naqueles que agora se somam às filas virtuais do Centro de Emprego, nos que viviam rodeados de violência e que agora estão confinados junto com os seus agressores, nos que já passavam fome e agora morrem sem entrar para os relatórios sanitários da Direção Geral de Saúde.

Muito se tem dito que este vírus é democrático, que escolhe igualmente mulheres e homens, ricos e pobres, sãos ou enfermos, mas a verdade é que isso não tem nada de verdadeiro. O facto é que os que caminhavam atrás de nós antes do início da pandemia estão agora muitos mais passos atrás e isso deve-se à incapacidade que todos, enquanto comunidade e enquanto sociedade, tivemos de lhes apertar a mão com o vigor necessário, de os olhar com empatia e fraternidade. Os danos colaterais provocados pelo coronavírus têm tido, sobretudo, impacto nas mulheres, tornando-as das vítimas mais castigadas pela pandemia. Enquanto profissionais, recai sobre elas a responsabilidade de executar o seu trabalho (estando muitas delas na linha da frente, concretamente, nos hospitais e centros de saúde e nas IPSS's), enquanto mães recai sobre uma ampla maioria delas o cuidado quase exclusivo dos seus filhos (que para além das necessidades naturais e quotidianas, têm agora de ser acompanhados de muito perto nas questões da Educação) e são as primeiras a abdicar de parte dos seus rendimentos para o poderem fazer. As mulheres continuam ainda a ser a quase totalidade das vítimas de violência, sendo que tantas ainda têm que cumprir com as questões anteriores ao mesmo que vivem vidas de terror.

Esta tem de ser a hora de mudar todas estas realidades, esta tem de ser a hora de parar de assobiar para o lado nos problemas do nosso vizinho porque desta vez não há como duvidar que somos responsáveis uns pelos outros.

O nosso país e, concretamente, o nosso concelho têm dado um grande exemplo de altruísmo e solidariedade, primeiro, cumprindo com o confinamento aqueles a quem o trabalho permitiu e mantendo-se em atividade os fornecedores de bens e serviços essenciais. Esta poderá bem ser uma das razões que mantém os casos de infeção afastados de nós. Depois, através de um conjunto de iniciativas individuais e por parte de entidades públicas e privadas que não têm poupado esforços para garantir a maior grau de proteção possível a quem trabalha em cima do risco e para podermos encarar o desconfinamento que se aproxima com o cuidado e responsabilidade que nos exige.

Devemos, agora, continuar a dar o exemplo cumprindo com as normas de segurança e higiéne, cumprindo com responsabilidade as funções individuais e mais ainda as funções sociais que nos foram atribuídas democraticamente. De

despir todas as camisolas que não sejam a "nossa" e assumir com mais vigor e vontade ainda o nosso lugar no seio da nossa comunidade. É também o momento de colocar as nossas mentes ao serviço do bem comum e pensarmos seriamente na forma de nos adaptarmos a uma nova realidade familiar, social e laboral. Essa responsabilidade é atribuída, de forma generalizada, aos nossos governantes, ao Estado, para o qual continuamos a olhar com mais paternalismo do que o que seria desejável mas tem sido o tecido empresarial o grande impulsionador das respostas mais criativas e sustentáveis na adaptação e reinvenção das suas atividades económicas, mostrando que está nas mãos de cada um de nós fazer parte da solução para este problema global.

Se é verdade que esta crise sanitária tem exposto várias feridas que envergonham a Humanidade, a vergonha não a tem paralisado e Ela tem sido capaz de trazer à tona o melhor que há e se faz no mundo.

E a quem pareça que não falei de Abril ao longo destes parágrafos, é porque ainda não percebeu mas há-de perceber que Liberdade rima com Solidariedade, Fraternidade e Responsabilidade.

É com os valores de Abril que trilharemos o caminho para a cura..

Vivam os profissionais de Saúde deste País!

Vivam todos aqueles que estão na linha da frente!

Viva o 25 de Abril!

Viva a Liberdade!

Viva Portugal e o Mundo!

Alfândega da Fé, 25 de Abril de 2020

Maria Manuel da Rocha Cunha Silva

Deputada Municipal